



## Literatura de Infância na iminência da Guerra

Por Lion Santiago<sup>1</sup> (São Paulo)

### Resumo:

Diante de uma paisagem de catástrofe, somos designados a agir e pensar conforme a ordem. Esquecemos da liberdade da infância, essa força que nos arremessa na potência de criação. Este artigo tem como intuito apresentar um percurso diante da topografia das Imagens de A guerra, de André Jorge Letria e André Letria, em conversa com o conceito de literatura de infância (Palo, 2019), refletindo como essa perspectiva permite erguer a Voz da infância de seus abismos na corporeidade do Livro, tal qual as Imagens vaga-lumes de Didi-Huberman (2014), uma energia viva que recusa seu desaparecimento diante das condições de passividade de uma sociedade, que deixou de vivenciar ou terceiriza suas experiências (Agamben, 2008), para que assim, seja possível com a força da literatura, retirar os escombros que cobrem e sufocam essa Voz presente em qualquer indivíduo, e que ainda não desapareceu.

### Palavra-Chave: literatura- infância- livro ilustrado- livro-corpo- guerra

*As imagens sonhadas sob o terror. “Um traço comum aos sonhos aqui apresentados é que eles revelam uma verdade oculta cuja evidência ainda não foi demonstrada empiricamente”.*

(Didi-Huberman, Imagens)

---

<sup>1</sup> Lion Santiago, é formado em Pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), é Mestrando em Literatura e crítica literária pela pontifícia universidade católica de São Paulo (PUC-SP), e Pós-graduado em O Livro para a Infância: processos de criação, circulação e mediação contemporâneos na instituição Casa Tombada (FACON).

Profissionalmente atuou como professor de educação infantil. Atualmente, trabalha como editor da editora Ameli, mediador de leitura em projetos autorias e pela A cor-Ação Cultural e, Formador de professores na rede municipal de educação.



*A imagem “dialética” à qual nos convida Benjamin consiste, antes, em fazer surgirem os momentos inestimáveis que sobrevivem que resistem a tal organizações de valores, fazendo-a explodir em momentos de surpresa. Busquemos, então, as experiências que se transmitem ainda para além de todos os “espetáculos” comprados e vendidos a nossa volta, além do exercício dos reinos e da luz das glórias.*

(Didi-Huberman, *Destruições*)

A Guerra, evento cíclico em toda a trajetória da humanidade que marca de alguma forma sua presença nos corpos e nos destroços de sua passagem.

A humanidade tenta de alguma forma relatar como ela percebe esse acontecimento. Por meio das narrativas, encontramos uma maneira de expor os pontos de vista de um testemunho, que muitas vezes, é difícil de ser relatado, devido a magnitude destrutiva e silenciadora deste evento, que modifica os alicerces nos quais as sociedades estruturam seus valores.

Diante disso, é evidente a fragilidade coletiva de uma sociedade que para esquecer ou pela dificuldade de falar, é arremessada em uma doutrina passiva que acomoda corpos, apaga nossa sensibilidade em detrimento de paradigmas de estabilidade. Vivemos tempos de reclusão imposta, de artificialidade das relações humanas e de desumanização, que deixa a civilização exposta a essa força microscópica que doma e revela a precariedade do mundo que ela própria constitui.

Em seu texto *Infância e história*, Giorgio Agamben (2008) aborda um sintoma da sociedade atual que revela a perda da condição de vivenciar experiências. O ser humano não vive a presença e plenitude deste acontecimento, devido a uma estrutura autoritária que reduz algo tão significativo, ao ponto de ser fabricada e disseminada como algo artificialidade, desconectando não só a possibilidade de comunicação humana em suas singularidades, aquilo que de forma heterogênea encontra limiares comuns, tornando os indivíduos cadáveres autômatos, recipientes ociosos de vida.



Neste contexto, presenciemos um indivíduo que beira a um estado de inanição, recusando viver o presente e o que se apresenta diante dele. Pois o que temos diante das experiências é uma “(...) *humanidade que recusa-se a experimentá-las: prefere que seja a máquina fotográfica a ter a experiência delas(...)*” (Agamben, p. 23, 2008).

Essa queda de cotação de experiência a que Agamben (2018) se refere, é retomada por Didi-Huberman (2014) em seu texto *Destruição*. Nesse texto, Didi-Huberman apresenta que esta queda de cotação, este estado de inanição frente as experiências preserva em si uma força de dubiedade e aponta que “o que *“cai” não desaparece necessariamente* (Didi-Huberman, p.121 2014). Assim, existe a possibilidade de resgatar essas experiências, imagens vivas que não se extinguiram completamente no abismo da memória, sendo passíveis de seu resgate ao mesmo tempo que promovem a sobrevivência do corpo, sentidos e afetos humanos.

Diante desta força autoritária que tenta apagar nossa existência, somos condicionados a acreditar que as guerras que travamos se findaram na História. Mas muito pelo contrário, a guerra como aponta José Jorge Letria e André Letria é sorradeira, uma força repugnante que invade nossos territórios de forma taciturna, penetrando e invadindo “o sono brando dos inocentes” (Fig.1), aguardando o instante no qual esquecemos de sua existência. Nota-se que o esquecimento aqui tratado não significa desaparecer, mas sim, tomar o caráter de um esquecimento oportuno, para assim ressurgir da forma mais propícia, e “*toma a forma brutal de todos os medos*” (Fig. 2.).



Fig. 1 A guerra invade o sono brando dos inocentes.



Fig. 2 A guerra toma a forma brutal de todos os medos.

Iludidos por uma indústria cinematográfica que cria a guerra como um espetáculo romântico, somos bombardeados por estereótipos manipuladores, que vendam os olhos para a devastação que a guerra constrói. Balas, canhões e aviões assumem o papel referencial dentro de um espetáculo comercial, e faz deste evento uma ficção do impossível, transformando a possibilidade do real em algo imaginário, e faz com que a sociedade apague seu passado e a capacidade de perpetuar suas narrativas. A guerra, por mais que taciturna, não deixa de se proliferar “rasgando o dia como uma doença sussurrada e veloz.” (Fig. 3), manchando os campos com o tempo arrancado da vida.



Fig. 3 a guerra rasga o dia como uma doença sussurrada e veloz.





Didi-Huberman (2014) em sua reflexão a partir do texto de Agamben e de Walter Benjamin, *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, apresenta um novo olhar para o ensaio em triangulação com esses autores, apontando que mesmo com o aparente desaparecimento da figura do narrador e das narrativas, isso não significa que não seja possível reerguer as experiências e as imagens de seu declínio. A morte da experiência não necessariamente o apagamento de sua existência, mas um limiar desconhecido que pode ser atravessado, e que nós almejamos mesmo em nossos medos descobrir os segredos deste território. No desvio da morte e de seu declínio, não em um sentido de desaparecimento, mas de ressurgências tal qual um pôr do sol que “...desaparece de nossas vistas, mas nem por isso deixa de existir em outro lugar...” (Didi-Huberman, p. 122, 2014)., podemos reerguer acontecimentos que fazem parte de nossa constituição, e talvez assim, impedir com que a máquina de dor na qual a guerra constrói a violência desacelere (Fig. 4). Se a guerra busca voar sobre os campos da humanidade, bombardeando as chamas de vida que nos fazem resistir a barbárie, é necessário ao mesmo tempo permitir com que as imagens da passagem da humanidade não sejam esquecidas, e continuam sobrevoando a chama de um luar que nunca se põe.

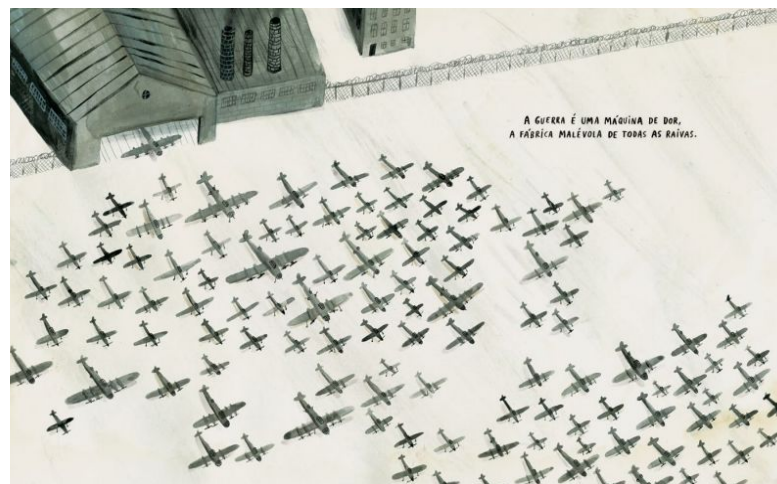


Fig. 4 A guerra é uma máquina de dor, a fábrica malévola de todas as raivas.

Para lidar com as experiências de guerra, é necessário resgatar as imagens e escutar a Voz das narrativas presentes na realidade. Uma Voz, que enuncia o mundo e não é subalterna a sistemas e leis presentes na língua, mas opera de forma a criar em seus vestígios, marcas da passagem



humana que não se deixam ser silenciadas, e tal qual a criança que mesmo sem domínio da língua, fala, e cria formas de se fazer ser ouvida diante de forças que tentam sufocá-las:

Na língua infantil, acepção que damos à fábula, as palavras ficam em suspenso num sem fim. Sua voz faz ecos de alteridades ao desarticular-se da língua, para inscrever-se na linguagem nascente de um universo de negatividade fundamental e muda. Nessa mudez mergulhada, a língua de criança pode ser concebida como sendo a sua própria literatura, que intitulamos — Literatura de Infância. (Palo, 2019, p. 195)

Nos gestos da *Voz* de José e André Letria, a *Voz* desta guerra é marcada nas sutilezas das páginas, em pequenas manchas que percorrem sorrateiramente, como se fossem pedaços fragmentados, carbonizados diante desse acontecimento devastador (Fig. 5).



Fig. 5

Nessas pequenas marcas, as mãos do leitor tocam o corpo de um livro que resistiu ao crematório (Fig. 6), e caminha no mundo dos vivos fazendo sua *Voz* infante ser ouvida, recusando a possibilidade da guerra impedir com que a corporeidade deste livro narre sua passagem no mundo, mesmo dizendo que “a guerra nunca foi capaz de contar histórias.”.



Fig. 6 A guerra nunca foi capaz de contar histórias.

Contudo, mesmo que ainda seja possível resgatar essas experiências, é conflitante o fato de como ainda seja cabível se esquecer de algo tão devastador! Tudo leva a crer que este esquecimento é resultado de uma alienação generalizada, que deixa os indivíduos estúpidos e insensíveis perante os acontecimentos do mundo. Desumanização exposta e cancerígena na sociedade - esse é o terreno, as construções que a guerra reina, “entre ruínas” (Fig. 7), edifícios desumanos sem memória, olhares, vozes, escuta, toques e lares.

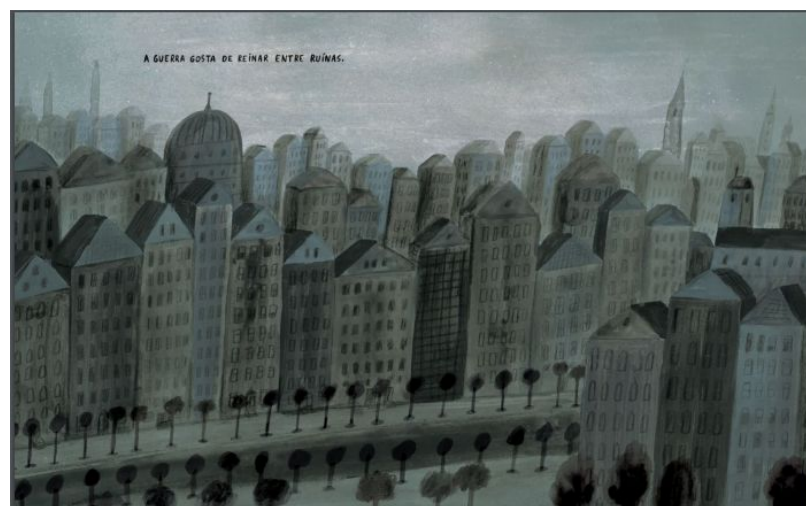


Fig. 7 A guerra gosta de reinar entre ruínas.





Soterrados diante de escombros, a literatura ergue seu corpo, pedra a pedra, mesmo com mãos ensanguentadas, para fazer ecoar os cadáveres das palavras e das imagens devastadas. Arremessando a desolação tudo aquilo que tenta subordinar, sufocar, trucidar e amordaçar nossos corpos. Para tanto, é importante estar à atento a eventos desta natureza, sendo notável, a ausência e a dificuldade presente nos adultos em abordar discussões desta pertinência com as novas gerações - principalmente as crianças na primeira infância.

Tentando preservar de forma errônea a infância idealizada, o mundo adulto perde ou se silencia, abandonando a capacidade comunicar suas experiências para as novas gerações, e não percebem que justamente essa perspectiva rebate e reflete os temores em si mesmos. Carentes de uma rede comunicativa que fortaleça esse corpo de experiências sensíveis, tal qual a literatura de infância proporciona, os adultos ficam expostos e vulneráveis, incapazes de escutar a Voz da infância que habita em seu corpo, e conseqüentemente ficam impossibilitados de sentir a chama que acende, inaugura e ergue o mundo, ao mesmo tempo que o aquece e fortalece o corpo perante contextos de acontecimentos devastadores. Vivemos tempos de genocídio das conexões humanas (Fig. 8).

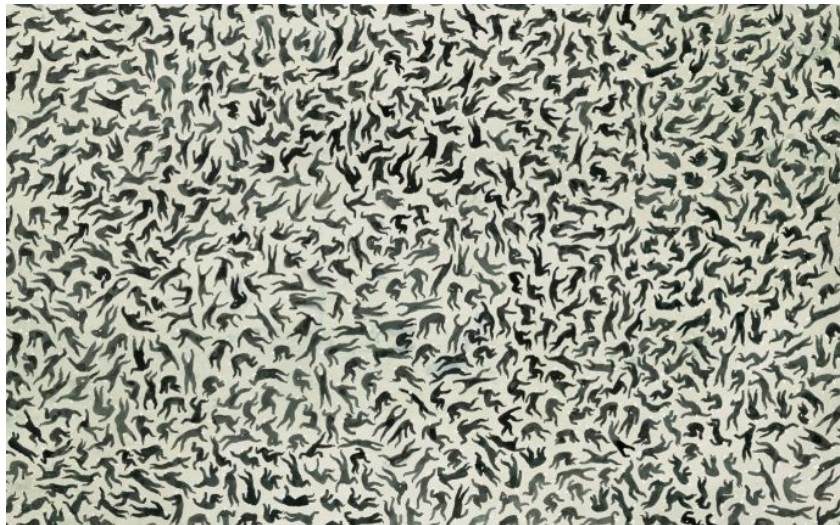


Fig. 8

Atento às guerras que percorrem a existência do humano, a literatura está sempre à espreita, escutando e observando os pontos de ressonância para tecer seu discurso, não com intuito de representar os acontecimentos da vida, mas apresenta a vida em suas fragilidades comuns, que transbordam nos detalhes de cada gesto e rastro. A Voz da infância se faz ser ouvida, mesmo que





o estrondo e o caos tentem de alguma forma dominar a atmosfera auditiva do mundo. Em cada bomba silenciosa (Fig. 9), o som da se faz vibrar em cada partícula de nossos corpos, onde sem uma palavra, a guerra se faz ser ouvida, diante dos impactos de crateras da ausências (Fig. 10)



Fig. 9



Fig. 10

Nos rostos sem face, vemos corpos uniformizados a caminho da batalha, que para a guerra, não passam de uma pequenas proliferação de formigas coletando restos de carne esfacelada para levar ao seu esconderijo, “a guerra é o último esconderijo da morte.” (Fig. 11).



Fig. 11 A guerra é o último esconderijo da morte.

Percebe-se na história da literatura um testemunho da vulnerabilidade, a qual todos nós estamos expostos infância estão expostas. Seja no relato testemunhal como no *Diário de Anne Frank*, na dramaturgia de Bertolt Brecht com *Mãe coragem e seus filhos*, ou até mesmo no romance de Herta Müller, *Tudo que tenho carrego comigo*, presenciamos crianças expostas à violência, que resistem de alguma maneira as vicissitudes da guerra com sua vontade e sua potência de vida. Essa particularidade da infância e de uma literatura de infância, viola a ordem estrutural da tradição cultural e moral, e é o caminho no qual qualquer indivíduo deve se refugiar, para criar nessa comunicação contínua, a forma de ter suas vozes expostas dos escombros, e se a “guerra é o silêncio” (Fig. 12), a literatura de infância faz deste silêncio um silêncio ensurdecedor.



Fig. 12

Na literatura, reside a força para resgatar as experiências, tal qual as imagens vaga-lumes traçadas por Didi-huberman (2011), sendo este um lugar fértil para constituição de uma linguagem indômita, atuando na negatividade, contrariando a imposição da língua e principalmente da vida:

“A voz-em-si mesma em experiência é concebida como a língua capaz de desestabilizar o logocentrismo de toda e qualquer ideologia, ilusionismo, psicologismos, misticismo, sociologismo pedagogismo por ser, sobretudo, uma língua como fundamento negativo capaz de mostrar-se apta para rejeitar quaisquer formas de dominação subjetiva e poder historicamente assentados sobre ela.” (Palo, p. 194, 2019)

Somos nós providos ou desprovidos desta forma de experiência, que temos que resgatá-las e impedir seu “desaparecimento”, para que este não venha a se tornar um campo fértil de esvaziamento da humanidade.

Nas experiências com essas narrativas da vontade na qual a infância se arremessa, atravessamos os paradigmas que fundam invariavelmente o sistema da sociedade, que define e nada mais é, que um fertilizante pútrido de xenofobia, homofobia, racismo e fascismo. Conceitos e palavras contemporâneas que se apresentam novamente na pós-modernidade.

Escutar fazendo ressoar as vozes dos oprimidos e silenciados, é o papel da arte, trazer a tona, o que está aparentemente esquecido ou suprimido pela força, cabendo a nós tomarmos posição





presente, criando as tensões necessárias para ceifar a raiz destas perspectivas, mas sem esquecê-las, pois só assim será possível o fortalecimento crítico da sociedade:

Ora a experiência da guerra nos ensina que ela terá encontrado as condições, por mais frágeis que sejam, de sua narração e de sua transmissão - que o pessimismo foi, às vezes, “organizado” até produzir, em seu próprio exercício, o lampejo e a esperança intermitentes dos vaga-lumes. Lampejo para fazer livremente *aparecerem palavras* quando as palavras parecem prisioneiras de uma situação sem saída. (Didi-Huberman, p. 130, 2014)

Para que seja possível ver o lampejo de esperança dos vaga-lumes e libertar as palavras e imagens de seu cárcere, é necessário que a arte se posicione seja a resistência perante os discursos da violência. Vivemos tempos onde o humano é esvaziado a tal ponto, que não lhe resta mais nada. Em suas fábricas de igualdade equivocada, o corpo é torcido ao ponto de se tornar homogêneo, ao qual a guerra nomeia como “filhos de aço e de sombra anunciada.”, repletos de discursos que clamam a crueldade (Fig. 13), e lança o corpo humano a doutrina das incapacidades, que devoram a liberdade.

Mesmo que esvaziados diante das das guerras invisíveis e visíveis que travamos diariamente, encontramos no corpo do livro a vontade de comunicar e de fazer com que sua Voz enunciada vibra diante do mundo. Os sentidos entre corpos (humano e livro) se desenrolam e abrem o caminho para um mundo não subordinado, livre, errante, que tateia e explode em euforia a cada conquista, como uma criança que coloca seus pés no mar pela primeira vez.

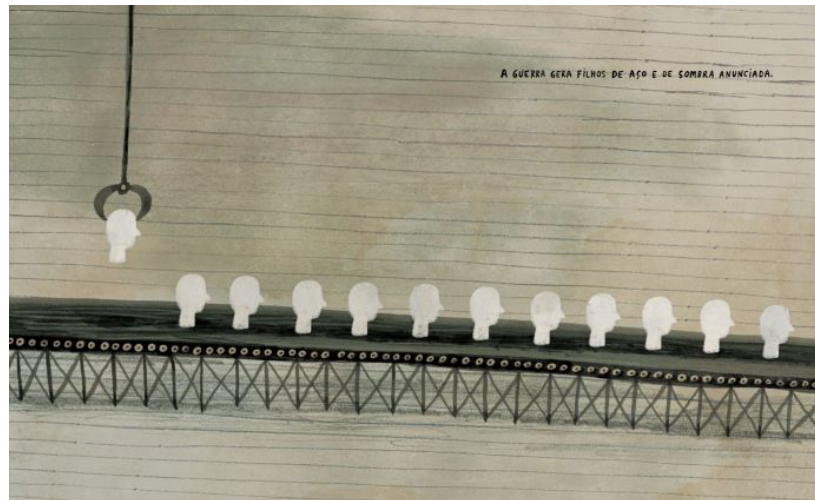


Fig. 13 A guerra gera filhos de aço e de sombra anunciada.

Na guerra que travamos na atualidade somos incubidos a clausura, então, que esta seja uma clausura de rotação de cultura, que desmonte tudo que já está posto e reorganize esse mundo de destroços preservados. Chega o momento de findar a guerra da passividade, e articular a guerra em sua negatividade, uma guerra da carne do livro, tal qual as palavras de Artaud:

que é sensível às agonias desordenadas do amor, consegue alcançar todas essas elevadas noções e só pede para tomar consciência delas, mas com a condição de que se saiba falar sua própria linguagem e de que a noção dessas coisas não lhe chegue através de disfarces e palavras adulteradas, pertencentes a épocas mortas que nunca mais poderão ser retomadas. (Artaud, p. 84, 1975)



### Refêrencias Bibliográficas

Agamben, G. (2008). Infância e história: Destrução da experiência e origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Artaud, A. (1975) O Teatro e seu Duplo. 1ª ed. Trad. Teixeira Coelho. São Paulo: Editora Max Limonad, 1984. Porto Alegre: A Nação e Instituto Nacional do Livro.

Didi-Huberman, G. (2014). Sobrevivência dos vaga-lumes. Trad. de CASA NOVA, Vera e ARBEX, Márcia. In Belo Horizonte: Editora UFMG.

Palo, Maria J. (2019). Literatura de infância: a fábula infantil. In Fronteiras Revista FronteiraZ . Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. nº 23. São Paulo.

Letria, Jorge J. Leria, A. (2019). A Guerra. Ameli Editora.